

Margaret Wilcox

Raptada
A Busca de uma Mãe Desesperada

Tradução de Cristina Vaz





Tanya

LONDRES

Liberdade de curta duração: Dezembro de 1977

Quando o avião da British Airways sobrevoou Heathrow, apenas consegui avistar por breves instantes a paisagem familiar por baixo de nós através de pesadas nuvens cinzentas e manchas de luz. Inclinei-me para me certificar de que Tanya tinha o cinto de segurança colocado. Não pude evitar pensar que, tirando o seu tom de pele exótico, ela parecia uma típica menina inglesa de três anos, com o seu casaco castanho de trespasse debruado a veludo na gola, punhos e bolsos. Não era o seu sedoso cabelo castanho ou os olhos verdes que a diferenciavam, mas sim a cor de mel da sua pele. Passou o voo de duas horas e meia desde Málaga na sua habitual placidez e, apesar de estar perplexa com a estranheza da experiência e o ambiente fechado, não fez birra nem se queixou, embora parecesse um pouco calada. Era a primeira vez que viajava de avião desde a nossa viagem da Austrália até Espanha, quando tinha seis semanas.

Os meus medos de ela poder assustar-se, de não querer ficar sentada quieta durante mais de duas horas ou de ter dores de ouvidos eram totalmente infundados.

– Já estamos quase a chegar, querida. Quando as rodas grandes do avião tocarem no solo pode ser que haja uns solavancos, e talvez faça muito barulho.

– Como foguetes, mamã?

– Bom, não. Como se fosse um monte de motores de autocarros a fazerem barulho todos ao mesmo tempo.

– Vai demorar muito?

– Não, não muito. Depois vamos sair e buscar as nossas malas. Não há que ter medo, a mamã está aqui.

Apertei-lhe a mãozinha quente e crédula. Ela conseguira fazer o voo como se fosse uma viajante experimentada.

Era um típico dia londrino de Novembro, frio e chuvoso, e depois de passarmos pela Imigração e Alfândega acrescentei um chapéu castanho e luvas de lã a condizer à já volumosa roupa de Tanya. Agora estávamos equipadas para apanhar um táxi e dirigirmo-nos ao hotel.

Tanya ficou sentada com ar satisfeito durante o trajecto de quarenta minutos até ao centro de Londres. Encantada por poder explicar-lhe as coisas desconhecidas no nosso novo ambiente, apontei para os enormes autocarros vermelhos, os políciais com os seus chapéus peculiares, as luzes amarelas a piscar e o homem do «chupa-chupa» nas passadeiras junto às escolas. Reparei também em vários cartazes a anunciar *O Lago dos Cisnes* no Coliseum Theatre. Tanya adorava dançar, especialmente *ballet*, e, já a pensar em como iria entreter uma criança pequena nas próximas quarenta e oito horas, decidi que uma matiné no dia seguinte seria perfeita.

A paragem de duas noites em Londres serviria para recuperarmos forças antes do longo voo de vinte e oito horas de regresso à Austrália. Na manhã seguinte, decidi levar Tanya aos armazéns Whiteleys para ver o Pai Natal. Isto seria um presente especial e esperava que a deixasse feliz no nosso novo ambiente, em particular depois dos últimos dias em que, devido ao meu estado de espírito alheado, o meu comportamento foi por vezes estranhamente errático. Tanya sabia quem era o Pai Natal, mas o costume dos homens

gordos e alegres com grandes barbas brancas, vestidos com fatos vermelhos e grandes botas pretas, não existia em Espanha. Esta seria uma experiência nova para ela.

Apesar de Tanya não estar assustada quando se sentou no joelho do Pai Natal, não consegui que ela sorrisse para a máquina fotográfica. Nem mesmo as palhaçadas do fotógrafo profissional trouxeram qualquer ânimo ao seu rosto pequenino. À medida que a fila aumentava vi o *flash* a captar uma fotografia dela com ar carrancudo. Depois o Pai Natal deu-lhe uma bonequinha de plástico, mas ela não demonstrou interesse e só queria voltar para junto de mim. Triste, peguei no recibo da fotografia e atirei-o para o fundo da minha mala, sentindo que o esforço tinha sido uma total perda de tempo. Não tinha a menor intenção de alguma vez voltar para levantar a fotografia. Desapontada com a reacção de Tanya, achei que estava na altura de ir para outro sítio.

No táxi a caminho do teatro, fiquei surpreendida quando Tanya quis sentar-se no meu colo. Depois queixou-se por ter de percorrer uma distância curta até à bilheteira. Isto era bastante invulgar para a minha menina independente e enérgica. Os únicos bilhetes disponíveis eram para a bancada superior, o que significava subir vários lanços de escadas.

– Anda lá, querida, agarra-te ao corrimão enquanto subimos as escadas.

– Não. Não quero subir.

– Mas vamos ver as meninas bonitas a dançar – aleguei.

Porém, com as perninhas trémulas a ceder, ela insistiu:

– Não, quero ir para casa.

– Mas as meninas estão todas prontas com os seus tutus para dançar para ti.

Para meu espanto, Tanya recusou-se a mexer-se. Peguei nela, juntamente com os nossos sacos, e sob o peso da roupa de Inverno, subi atabalhoadamente os lanços de escadas. As pessoas apressadas e os encontrões que levei pioraram a minha tarefa. Parei várias vezes para descansar e por isso, quando chegámos aos nossos lugares, as pesadas cortinas de veludo vermelho estavam a abrir-se. Enquanto me certificava de que Tanya estava confortável e que tinha uma visão

completa do palco apercebi-me de que as pessoas estavam a olhar para nós. Estariam surpreendidas por ver uma criança de três anos entre os espectadores, ou teriam receio de que ela pudesse fazer barulho ou ficar irrequieta? Se assim fosse, era porque não conheciam a minha angélica filha. Pouco depois de as notas da melodia familiar de Tchaikovsky terem começado a fazer-se ouvir a partir do poço da orquestra e de as cortinas terem aberto completamente, Tanya pediu para se sentar nos meus joelhos. Passados dez minutos estava enroscada no meu colo e adormeceu num ápice. Enquanto aflagava o seu pequeno corpo letárgico, sentia-me completamente frustrada com o comportamento dela. Tudo o que queria era ver a alegria de Tanya ao assistir ao seu primeiro espectáculo ao vivo. O meu receio inicial de ela também querer dançar ao ouvir a música parecia-me agora disparatado e senti-me defraudada.

O *ballet* continuou, mas não consegui concentrar-me nele. Na minha amarga desilusão, só conseguia pensar na razão pela qual Tanya estava a agir de forma tão estranha. Ali, à minha frente, representava-se uma das mais belas histórias de amor do bailado, com a sua iminente tragédia a desenrolar-se, e Tanya dormiu durante todo o espectáculo. Estaria sob o efeito do *jet-lag* depois de um voo tão curto? Mas que mais poderia estar a passar-se com ela?

Estaria com saudades de casa, a sentir falta da familiaridade do nosso lar e da rotina diária, incluindo os desenhos animados espanhóis que via na televisão, apesar de serem numa língua estrangeira? Será que o problema era ter sido atirada para um ambiente e cultura estranhos? A tensão por que passei nos últimos dias afectara sem dúvida o meu discernimento e talvez Tanya estivesse a reagir a isso. Mesmo tendo planeado mentalmente a nossa fuga durante meses, quando chegou à altura de pôr o plano em prática, a minha falta de autoconfiança tornou-se notória. Será que os vizinhos me iriam ver a sair de casa com as malas e tentar impedir-me? Será que os funcionários do Serviço de Imigração nos deixariam passar no aeroporto? Iria Hadi regressar inesperadamente da sua viagem de negócios antes de o avião descolar? Estas eram algumas das preocupações que me consumiam a toda a hora.

Acaricieie o cabelo suave e fino de Tanya com a minha mão livre. O instinto de uma mãe costuma estar certo e consegue pressentir o estado de espírito da criança. O laço entre mãe e filho é tão forte que por vezes é difícil saber onde acabam os sentimentos da mãe e começam os do filho. Mas tudo isto era uma experiência nova para mim e não conseguia compreender o desinteresse e a apatia de Tanya.

Quando o espectáculo terminou, acordei Tanya suavemente e levei-a ao colo pelas escadas abaixo. Nem sequer a sugestão de um gelado gerou qualquer entusiasmo, e por isso regressámos ao triste isolamento do nosso hotel.

Nessa noite, Tanya esteve sempre rabugenta, a choramingar e, de um modo geral, fora do seu estado normal. Inicialmente atribuí-o ao ambiente estranho do hotel, ao barulho e agitação de Londres, e à diferença climática em relação à soalheira Espanha. Até o apetite dela era inexistente. As minhas tentativas de arranjar comida para uma criança pequena num hotel londrino para homens de negócios não foram acolhidas com entusiasmo, mas o serviço de quartos acabou por concordar em mandar um ovo cozido e um pouco de pão e manteiga. Não precisavam de se ter dado ao trabalho. A comida permaneceu intocada e a única coisa que Tanya queria era enroscar-se no meu colo.

Enquanto estávamos sentadas na cama, pus a mão na testa dela, suavemente, e dei-me conta de que estava mais quente do que o normal. Esta nova descoberta deixou-me preocupada, pelo que pedi para chamarem o médico do hotel.

A visita dele foi breve.

– Então, esta é a menina que está maldisposta?

– Sim. Tem andado murcha, apática. Não quer comer e a temperatura está mais alta do que devia.

– Olá, Tanya. Só vou pôr esta coisinha debaixo do teu braço por um minuto, e dar uma olhada ao teu pescoço. Hum. Uma pequena erupção aqui, e alguns gânglios inchadas. É fácil de ver porque não estás a sentir-te lá muito bem. Tens sarampo!

Não admira que ela tenha andado mal-humorada, pensei.

– Durante quanto tempo vai ficar no hotel, Mrs. Wilcox?

– Vamos viajar para a Austrália amanhã.

– Receio bem que já não.

– O que quer dizer?

– A Tanya vai ter de ficar num quarto às escuras, e não poderá viajar de avião durante três semanas. Vou passar-lhe uma receita, que o porteiro do hotel poderá ir aviar. Ela vai ficar bem, só tem de a manter quente.

Quando fechei lentamente a porta ao médico estava em choque com esta notícia inacreditável. Tanya nunca tinha estado doente antes. Será que poderia ficar pior do que já estava? *Será que tê-la levado para o frio piorara o seu estado?*, pensei, sentindo-me culpada. O que poderia fazer? Para onde poderia ir?

Por um lado, estava aliviada por o comportamento estranho de Tanya ter uma justificação médica genuína e não se dever a estar longe do seu ambiente familiar. Mas por outro lado, o que faria com uma criança de três anos, doente, num hotel de Londres durante três semanas? Como manteria o quarto às escuras, conforme o médico mandara, e prepararia a comida, e o que faria em relação à roupa? Como poderia entretê-la neste quarto pequeno e vulgar sem vista e sem comodidades?

O único conforto que ela tinha era *Lambie*.

Quando Tanya nasceu, em Sidney, a minha mãe deu-lhe uma pele de cordeiro para o berço. Era do conhecimento comum que as fibras naturais da pele de cordeiro permitiam aos bebés respirar mesmo que estivessem de barriga para baixo. Além disso, era muito macia e confortável, e podia ser usada em qualquer estação e lavada como qualquer outra roupa de cama. *Lambie* tornou-se na mantinha de Tanya e agora, três anos e meio depois, apesar de rasgada, esfarapada e com quase metade do seu tamanho original, dificilmente ficava longe dela. Confortara-a durante o nascimento dos primeiros dentes, quando sofrera pequenas maleitas e ia sempre para a cama com ela. *Lambie* e Tanya eram inseparáveis.

Agora eu precisava da minha própria mantinha, mas onde poderia encontrá-la?

O meu primeiro pensamento foi telefonar à minha querida amiga Maureen, mas ela mudara-se recentemente para uma casa nova e não sabia onde era.

Maureen e eu conhecêramo-nos nove anos antes na Líbia, onde ambas trabalhávamos para a companhia petrolífera americana Occidental. Embora fosse inglesa, Maureen vivera anteriormente durante catorze anos no Canadá, o que lhe conferia um sotaque característico e encantador. Eu tinha apenas vinte e quatro anos quando nos conhecemos, mas a década que nos separava passava despercebida; enquanto mulheres de carreira solteiras, e ambas um tanto conservadoras, iniciámos uma amizade imediata e duradoura. A honestidade e integridade de Maureen foram evidentes logo no início – a maneira como ela olhava para mim por cima dos óculos ou quando sugeria algo um pouco ousado ou inaceitável –, mas também possuía uma natureza divertida e um belo sentido de humor.

Durante aqueles anos na Líbia, Maureen e eu tornámo-nos grandes amigas, partilhando acontecimentos estranhos para ambas. Fazíamos as nossas próprias roupas e entusiasmávamo-nos com os tecidos exóticos que encontrávamos à venda nos mercados. Devido à nossa paixão comum pela culinária trocávamos receitas e dicas. A descoberta dos talhos locais, onde a cabeça dos animais bem como a carcaça ou partes dela estavam expostas no balcão de madeira, com centenas de moscas à volta, deixou-nos chocadas. As lojas de sapatos deslumbravam-nos e, extasiadas com a elegância e beleza dos sapatos italianos, comprámos vários pares de sapatos sem termos dinheiro suficiente para os pagar. O dono da loja dava-nos os sapatos e dizia-nos *mah'lesch* – «pagam-me amanhã» – e era o que fazíamos. Que sistema fantástico. Outras vezes não sabíamos como reagir quando o dono de uma loja que nunca víamos nos oferecia chá doce ou *Coca-Cola*. Aprendemos a lidar com os costumes locais, tais como espalhar a farinha numa folha de papel branco e deixá-la ao sol durante alguns minutos, de maneira a livrarmo-nos do gorgulho. Depois havia as várias viagens a Roma, Malta e Tunes, bem como as aventuras no deserto líbio, que fizeram parte dos tempos maravilhosos que passámos juntas. Também partilhámos os maus momentos – notícias de contrariedades, de doenças e mesmo do falecimento de algum familiar ou amigo que ocorriam bem longe, nos nossos respectivos países de origem. Quando o meu pai morreu, foi Maureen quem esteve ao meu lado para me confortar.

Maureen ainda era funcionária da Occidental, mas agora trabalhava na delegação de Londres. Quando telefonei para a empresa na segunda-feira de manhã, a secretária dela informou-me de que Maureen estava de baixa e não poderia de maneira nenhuma dar-me o seu número de telefone. Pedi para me passar a Bob Macalister, um dos vice-presidentes, antigo chefe de Maureen e amigo comum. Bob e a família, que conhecia bem dos nossos dias na Líbia, viviam agora em Londres, onde ele dirigia a recém-adquirida concessão de exploração pela Occidental no mar do Norte. Após uma conversa breve sobre a família e a sua nova vida na capital, Bob disse-me que Maureen não se encontrava bem e que estava de baixa por doença. Sabendo que ela ficaria feliz por receber notícias da velha amiga, deu-me o número de telefone dela.

Maureen ficou surpreendida ao saber que eu estava em Londres. Também eu fiquei surpreendida e chocada ao descobrir que ela estava de baixa prolongada, a fazer exames neurológicos devido a um possível tumor cerebral. Estávamos ambas em apuros. Generosa e compreensiva, Maureen sugeriu imediatamente que Tanya e eu deixássemos o hotel e ficássemos com ela. Mudara-se há pouco para uma zona nova, Claygate, ainda não tinha desempacotado as coisas, era incapaz de fazer o que quer que fosse sozinha, mas tinha camas disponíveis. Logo que a minha principal preocupação de que Tanya pudesse ter uma doença contagiosa e com isso poder causar problemas a Maureen fora posta de lado, o alívio de ter uma oportunidade de poder deixar o hotel tomou conta de mim. Escondidas no condado do Surrey, pelo menos estaríamos num ambiente acolhedor, onde poderia cuidar de Tanya de forma mais normal.

Telefonei imediatamente para a Austrália para avisar a minha mãe de que surgira um contratempo. Cancelei as nossas reservas e depois chamei um espaçoso táxi londrino para levar os nossos pertences à nova casa de Maureen, em Elm Road.

A longa viagem de táxi por entre a chuva miudinha, cinzenta e fria, desde o centro de Londres até Claygate – perto de trinta quilómetros – foi lenta e enfadonha, através do trânsito congestionado e dos subúrbios apinhados da cidade, mas Tanya acabou por adormecer no calor e conforto do banco de trás.

Chegámos à casa de Maureen, em frente à escola. A sua figura alta e esguia recebeu-nos, invulgarmente vestida com um roupão e chinelos e bastante pálida. Como Maureen nunca se casara, sabia que ela se poderia sentir pouco à vontade com uma criança pequena por perto, mas depois de me indicar o quarto de hóspedes, onde pousei as nossas malas, e de me ter mostrado a casa, meteu-se novamente na cama. Espalhei alguns brinquedos de Tanya pelo quarto, meti *Lambie* na cama dela e sentei-me para lhe ler uma história.

Havia caixotes por abrir em todas as divisões, cortinas improvisadas penduradas nas pequenas janelas e não havia tapetes, mas a cozinha estava operacional e a televisão a funcionar. A confusão não me incomodou, mas a escadaria estreita que ia dos quartos até à sala de estar era uma grande preocupação. A nossa casa de Málaga também tinha escadas, mas eram largas, com degraus suaves e um corrimão sólido para Tanya se agarrar. Teria de estar muitíssimo atenta à minha filha nesta escadaria potencialmente fatal.

No dia seguinte, que continuou frio e húmido, chegou a alcatifa nova. Os homens trabalharam com afinco em todas as divisões ao mesmo tempo, deixando-me a mim, Maureen e Tanya confinadas à cozinha, onde nos sentámos ao balcão como as Três Graças, sem nos podermos mexer. Caixotes e objectos sem importância vindos das outras partes da casa acentuaram a já de si pequena dimensão da cozinha. Felizmente havia uma sanita e um lavatório ao lado da lavandaria, que ficava paredes meias com a cozinha. Por mais aborrecida que a situação fosse, conseguimos rir do que estava a acontecer e senti-me aliviada por estar com alguém em quem podia confiar. Os homens aplicaram a alcatifa em toda a casa num único dia, e depois de ter desempacotado alguns dos ofensivos caixotes, tudo pareceu muito mais claro.

No dia seguinte, uma ambulância veio buscar Maureen para a levar ao Atkinson Morley Hospital. Tanya e eu despedimo-nos dela com tristeza. Era surreal ver a minha querida amiga, tão vivaça e independente, ser levada por dois estranhos. Ia ser internada para a submeterem a mais exames, o que significava mais tempo de espera e mais incerteza. Senti-me bastante preocupada com ela, mas, conhecendo a sua força e determinação, a firmeza britânica,

a única coisa que consegui encarar foi um desfecho positivo. Muito mais tarde, quando o seu diagnóstico revelou tratar-se de uma polineurite viral, senti um enorme alívio ao saber que ela não tinha um tumor no cérebro, embora a sua recuperação tenha sido lenta e morosa.

Depois da partida de Maureen, seguiram-se vários dias frios, chuvosos e monótonos, com o ponto alto a ser a visita do leiteiro todas as manhãs. Não trazia apenas leite, mas também pão, ovos, iogurtes e alguns outros víveres essenciais. Isto, juntamente com a enorme quantidade de compras que eu fizera antes de Maureen ter ido para o hospital, manter-nos-ia bem abastecidas de comida enquanto aguardávamos o fim da nossa quarentena.

Na maior parte do tempo, Tanya e eu retirávamo-nos para o calor da pequena sala de estar, onde víamos televisão, pintávamos e colávamos desenhos e líamos as suas histórias preferidas. Também fiz alguns telefonemas para amigos chegados em Inglaterra para os informar da nossa situação. Todos demonstraram surpresa, excepto Alice, a minha «mãe» substituta inglesa de oitenta anos.

Quando saí da Austrália pela primeira vez, atrás de um emprego de férias, que pensei que iria durar dezoito meses, deram-me os contactos de Alice e Pop em Southend-on-Sea, em Inglaterra. Dorothy, a melhor amiga da minha mãe, avisou os pais da minha chegada iminente e assegurou-me de que ficariam encantados em ter notícias minhas. Ao longo dos anos, Alice e Pop tornaram-se a minha «família» inglesa. Quando Pop faleceu, convidei Alice para nos ir visitar a Málaga. Ela ficou durante duas semanas, cerca de um ano antes do meu recente voo para Londres, e no último dia fez-me um aviso misterioso mas veemente, que, pela primeira vez, me fez pensar na hipótese de fugir.

Agora, enquanto riscava os dias que passavam no calendário, esperando ansiosamente que as nossas três semanas de reclusão passassem, o toque do telefone interrompeu as minhas cogitações. Era Alice.

Alarmada e ofegante, perguntou-me:

- Sabias que Hadi está em Inglaterra?
- O que quer dizer com isso?

– Ele acabou de sair de minha casa. Anda à tua procura por todo o lado.

– Mas como é possível que a tenha encontrado?

Alice explicou que Hadi tinha ido à esquadra da polícia de Southend-on-Sea e dissera ao agente de serviço que andava à procura de uma senhora de idade chamada Alice, que tinha sido assaltada há um ano. O roubo ocorrera mesmo antes de Alice nos ter ido visitar a Espanha. Alice não fazia ideia do que Hadi dissera ao polícia, mas tinham-lhe dado o seu endereço e as indicações para encontrar a casa!

Expliquei a Alice que era impossível ele encontrar-nos a mim e a Tanya, visto não saber que estávamos em Londres. Em todo o caso, mesmo que soubesse, e para além dos milhares de hotéis que existem em Inglaterra, eu tinha amigos que me poderiam acolher espalhados por todo o país, desde a ilha de Wight, a sul, a Sheffield, no Norte. Além disso, antes de ter chegado a Londres e ter falado com Maureen, não tinha o novo endereço dela ou sequer sabia para que subúrbio se mudara.

Sentia-me segura, escondida na casa anónima de Maureen nos arredores de Londres. Tirando o vizinho do lado de Maureen e o leiteiro, mais ninguém sabia onde eu e Tanya estávamos. A minha mãe, na Austrália, e alguns amigos em Inglaterra tinham o número de telefone, mas nenhum endereço ou local. Apesar disso, de cada vez que o toque penetrante do telefone ecoava por toda a casa, hesitava em atender, sempre apreensiva, até saber quem estava do outro lado da linha. Estava constantemente a dizer a mim mesma que não deixara qualquer pista em relação a onde eu e a minha filha estivéramos ou onde nos escondíamos nesta vasta cidade de doze milhões de pessoas. De certeza que ninguém nos encontraria em Elm Road.

Embora inicialmente tivesse ficado ansiosa ao saber da chegada do meu marido a Inglaterra, nos dias que se seguiram estabelecemos uma rotina monótona, confiante de que Tanya e eu estávamos escondidas num local seguro.

Um pequeno calendário, composto por cenas pitorescas de Inglaterra que me eram tão familiares, pendia de um prego enferrujado na parede da cozinha. De cada vez que olhava para ele e me espantava

por alguém ter conseguido encontrar tantos dias de sol para tirar aquelas fotografias, riscava mentalmente os dias. A nossa data de partida para a Austrália aproximou-se lentamente. A ideia de estar num avião da Qantas a caminho da segurança da minha família, longe da prisão em Espanha, não me saía da mente. Quanto mais longe, melhor. Para meu alívio, o comportamento alegre e enérgico de Tanya estava a regressar. Porém, isso trouxe novos problemas – como mantê-la ocupada, por exemplo – e perguntei-me como poderia retê-la dentro de casa por muito mais tempo.

Três dias depois, e pela primeira vez numa semana, o sol despontou. Apesar da sua cor insípida de Dezembro e da falta de calor, era um alívio bem-vindo depois da chuva. Estava inclusivamente a considerar levar Tanya até ao minúsculo e húmido jardim das tra-seiras quando ouvi bater à porta. Era mais ou menos à hora em que o leiteiro costumava chegar com produtos frescos. Certificando-me de que Tanya estava bem longe de possíveis correntes de ar, abri a porta e fiquei surpreendida ao ver um homem com um grosso casaco de Inverno e um chapéu castanhos. Ao olhar para este estranho, pensando que se tinha enganado na casa, a minha surpresa transformou-se em medo.

Quando olhei com mais atenção e ouvi a voz dele, percebi que era Hadi.